

tudo o que ficou para trás

nora roberts

Tradução de Isabel C. Penteado

*Para Carolyn Nichols,
pelo apoio e pela amizade*



PARTE UM

O AMARGO



*As vossas mulheres são, para vós, campo lavrado.
Então, achegai-vos ao vosso campo lavrado, como e quando quiserdes...*

— ALCORÃO

Ele era o homem dela, mas procedeu mal.

— «FRANKIE AND JOHNNY»



CAPÍTULO UM



Nova Iorque, 1989

Stuart Spencer odiava desmedidamente o seu quarto de hotel. A única vantagem de estar em Nova Iorque era o facto de a sua mulher se encontrar em Londres e não poder controlar se estava a seguir a dieta. Ele tinha pedido uma tosta mista ao serviço de quartos e saboreava cada dentada.

Era um homem corpulento, já a ficar careca, e não tinha a boa disposição esperada de alguém com a sua aparência. Uma bolha no calcanhar atormentava-o, bem como uma persistente inflamação das vias aéreas superiores. Depois de ter bebido metade de uma chávena de chá, decidiu, com rabugento chauvinismo britânico, que os americanos não eram capazes de fazer um chá decente, por muito que tentassem.

Ele queria um banho quente, uma chávena de bom *Earl Grey* e uma hora de sossego, mas receava que o homem agitado que estava à janela fosse obrigá-lo a adiar tudo isso... talvez indefinidamente.

— Bem, estou aqui, que diabo. — De sobrolho carregado, viu Philip Chamberlain puxar a cortina.

— Bonita vista. — Philip olhava para a parede de outro edifício. — Dá uma sensação acolhedora a este sítio.

— Philip, sinto-me na obrigação de te lembrar que não gosto de sobrevoar o Atlântico no inverno. Mais, tenho papelada em atraso à minha espera em Londres e grande parte é por tua conta e pelos teus procedimentos irregulares. Por isso, se tens informação para mim, por favor passa-ma. Imediatamente, se não for pedir muito.

Philip continuou a olhar pela janela. Estava nervoso por causa do desfecho da reunião informal que tinha solicitado, mas nada na sua postura calma deixava transparecer a tensão que sentia.

— Tenho mesmo de te levar a um espetáculo enquanto estás aqui, Stuart. Um musical. Estás a ficar rígido com a idade.

— Vai direto ao assunto.

Philip largou a cortina e avançou descontraidamente em direção ao homem a quem tinha estado subordinado nos últimos anos. A sua ocupação exigia uma graça atlética e confiante. Tinha trinta e cinco anos, mas já contava um quarto de século de experiência profissional atrás de si. Nascera nos bairros degradados de Londres, porém, ainda jovem, conseguira arranjar convites para as melhores festas da sociedade, o que não tinha sido façanha pequena nos tempos anteriores à rígida consciência de separação de classes britânica ter colapsado face à incursão dos *Modes* e dos *Rockers*. Ele sabia o que era passar fome, tal como sabia o que era encher-se de beluga. Porque preferia caviar, tinha feito de tudo para viver uma vida que o incluísse. Era bom, muito bom, no que fazia, mas o sucesso não tinha sido fácil de alcançar.

— Tenho uma proposta hipotética para ti, Stuart. — Depois de se sentar, Philip serviu-se de chá. — Deixa-me perguntar-te se ao longo dos últimos anos tenho sido uma mais-valia para ti.

Spencer deu uma dentada na tosta e esperou que esta, e Philip, não lhe causassem nenhuma indigestão. — Queres um aumento de salário?

— É uma ideia, mas não exatamente o que tenho em mente. — Ele era capaz de fazer um sorriso particularmente encantador, que podia usar com grande eficácia quando queria. E decidiu fazê-lo naquele momento. — A questão é, tem valido a pena ter um ladrão na folha de pagamentos da Interpol?

Spencer fungou, tirou um lenço de bolso e assoou-se. — De vez em quando.

Philip reparou, indagando-se se Stuart teria também reparado, que desta vez não usara o adjetivo «retirado» depois de «ladrão», e que Stuart não tinha corrigido a omissão. — Tornaste-te completamente somítico com os teus elogios.

— Não estou aqui para te lisonjear, Philip, apenas para saber por que diabo pensaste que alguma coisa seria suficientemente importante para exigir que eu voasse para Nova Iorque a meio do maldito inverno.

— Estarias interessado em dois?

— Dois quê?

— Ladrões, Stuart. — Pegou num triângulo de tosta. — Devias mesmo experimentar isto com trigo integral.

— Onde queres chegar?

Muita coisa estava dependente dos instantes seguintes, mas Philip havia

vivido a maior parte da vida com o seu futuro, com o próprio pescoço, dependente das suas ações numa questão de instantes. Tinha sido ladrão, e excelente por sinal, e arrastara o comandante Stuart Spencer, e homens como ele, através de vielas e becos sem saída, de Londres a Paris, de Paris a Marrocos, de Marrocos para onde quer que estivesse o prémio seguinte. Depois dera uma reviravolta completa à sua vida e começara a trabalhar para Spencer e para a Interpol, em vez de trabalhar contra eles.

Fora uma decisão de trabalho, lembrava Philip. Tinha sido uma questão de pesar as probabilidades e o lucro. O que ele estava prestes a propor era pessoal.

— Digamos, hipoteticamente, que eu conhecia um ladrão particularmente inteligente, que conseguiu escapar à Interpol durante uma década e que decidiu retirar-se do ativo, disposto a oferecer os seus serviços em troca de clemência.

— Estás a falar do Sombra.

Philip sacudiu meticulosamente migalhas das pontas dos dedos. Era um homem limpo, por hábito e por necessidade. — Hipoteticamente.

O Sombra. Spencer esqueceu o calcanhar dorido e o *jet lag*. Milhões de dólares em joias haviam sido roubados pela figura sem rosto do ladrão conhecido apenas como Sombra. Durante dez anos, Spencer tinha seguido o seu rasto, tinha-o perseguido e falhado. Nos últimos dezoito meses, a Interpol intensificara as investigações, chegando ao ponto de mandar um ladrão apanhar outro ladrão — Philip Chamberlain, o único homem que Spencer conhecia cujas façanhas ultrapassavam as do Sombra. *O homem em quem tinha confiado*, pensou Spencer numa súbita onda de fúria.

— Sabes quem ele é, raios. Sempre soubeste quem ele é e onde podemos encontrá-lo. — Stuart apoiou as mãos sobre a mesa. — Dez anos. Andamos há dez anos atrás deste homem. E, diabos te levem, há meses que és pago para o encontrar e tens andado a enganar-nos. Sempre soubeste qual era a identidade dele e onde ele estava!

— Talvez sim. — Philip esticou os longos dedos de artista. — Talvez não.

— Tenho vontade de te enfiar numa cela e de atirar a chave ao Tamisa.

— Mas não vais fazer isso, porque eu sou como o filho que nunca tiveste.

— Eu tenho um filho, raios te partam.

— Não como eu. — Inclinando-se para trás na sua cadeira, Philip continuou: — O que estou a propor-te é o mesmo acordo que tu e eu fizemos há cinco anos. Nessa altura tiveste a visão para perceber que contratares o melhor tinha vantagens significativas sobre perseguir o melhor.

— Foste contratado para apanhar este homem, não para negociar por

ele. Se tens um nome, eu quero um nome. Se tens uma descrição, eu quero-a. Factos, Philip, não propostas hipotéticas.

— Não tens nada — disse abruptamente Philip. — Absolutamente nada, passados dez anos. Se eu sair deste quarto, continuarás sem nada.

— Ter-te-ei a ti. — O tom de voz de Spencer não continha qualquer emoção e foi suficientemente determinado para fazer Philip semicerrar os olhos.

— Um homem com o teu gosto iria achar a prisão muito desagradável.

— Ameaças? — Um arrepio, breve mas bastante real, percorreu a pele de Philip. Ele cruzou os braços e manteve o olhar firme, agarrando-se à certeza de que Spencer estava a fazer *bluff*. Philip não estava. — Eu tenho imunidade, lembras-te? Foi esse o acordo.

— Foste tu quem mudou as regras. Dá-me o nome, Philip, e deixa-me fazer o meu trabalho.

— Tu pensas pequeno, Stuart. Foi por isso que recuperaste apenas alguns diamantes, enquanto eu roubei muitos. Se pões o Sombra na cadeia, terás apenas um ladrão na cadeia. Pensas mesmo que irás recuperar alguma coisa do que foi roubado ao longo da última década?

— É uma questão de justiça.

— Sim.

O tom de Philip tinha mudado, constatou Spencer, e pela primeira vez naquela conversa, ele baixou os olhos. Mas não por vergonha. Spencer conhecia demasiado bem Philip para acreditar por um instante que o sujeito estava minimamente envergonhado.

— É uma questão de justiça e já lá chegaremos. — Philip levantou-se de novo, demasiado inquieto para estar sentado. — Quando me entregaste este caso, aceitei-o porque este ladrão em particular interessava-me. Isso não mudou. Na verdade, pode-se dizer que o meu interesse aumentou consideravelmente. — Não serviria de nada pressionar demasiado Spencer. Era verdade que tinham desenvolvido uma admiração relutante um pelo outro ao longo dos anos, mas Spencer sempre se tinha regido, e continuaria a reger-se, pelas regras. — Digamos, ainda hipoteticamente, claro, que eu conheço a identidade do Sombra. Digamos que tivemos conversas que me levaram a acreditar que podias utilizar os talentos deste indivíduo em troca da pequena compensação de ter a ficha limpa.

— *Pequena* compensação? O filho da mãe roubou mais do que tu.

As sobrancelhas de Philip ergueram-se subitamente. De sobrolho levemente franzido, sacudiu uma migalha da manga. — Não me parece que seja necessário insultares-me. Ninguém roubou joias de valor superior às que eu roubei durante a minha carreira.

— Estás orgulhoso de ti, é? — O rosto de Spencer ruborizou assustadoramente. — Eu não me gabaria de levar vida de ladrão.

— Aí está a diferença entre nós.

— A esgueirar-me por janelas, a fazer negócios em becos escuros...

— Por favor, assim vais emocionar-me. Não, é melhor contares até dez, Stuart. Não quero ser responsável por uma subida alarmante da tua pressão arterial. — Pegou de novo no bule de chá. — Talvez esta seja uma boa altura para te dizer que enquanto andava a arrombar fechaduras, desenvolvi um enorme respeito por ti. Calculo que ainda andasse a roubar, se não te tivesses aproximado mais cada vez que eu fazia um trabalho. Não me arrependo de como vivia, do mesmo modo que não me arrependo de ter mudado de lado.

Stuart acalmou-se o suficiente para beber o chá que Philip lhe tinha servido. — Isso é irrelevante. — Mas era capaz de reconhecer que a admissão de Philip lhe agradava. — O facto é que agora estás a trabalhar para mim.

— Eu não me esqueci. — Virou a cabeça para olhar pela janela. Estava um dia gélido e limpo que o fazia ansiar pela primavera. — Bem, continuando, — disse ele, virando-se subitamente para lançar um olhar intenso a Stuart, — enquanto fiel empregado, sinto-me na obrigação de recrutar pessoal para ti quando me cruzo com um condigno candidato.

— Um ladrão.

— Sim, e um ladrão excelente. — O seu sorriso desabrochou uma vez mais. — Para além disso, aposto que nem a tua, nem nenhuma outra agência de segurança, irá ter um vislumbre da verdadeira identidade deste ladrão. — Com um ar um pouco sério, inclinou-se para a frente. — Nem agora, nem nunca, Stuart, garanto-te.

— Ele vai voltar a roubar.

— Não vai haver mais nenhum roubo.

— Como podes ter a certeza?

Philip entrelaçou as mãos. A sua aliança de casamento cintilou tenuemente. — Garantirei isso pessoalmente.

— Qual é a tua ligação com ele?

— É difícil explicar. Escuta-me, Stuart. Há cinco anos que trabalho contigo, ao teu lado. Alguns trabalhos foram sujos, outros foram sujos e perigosos. Nunca te pedi nada, mas estou a pedir-te isto: imunidade para o meu hipotético ladrão.

— Não posso propriamente garantir...

— A tua palavra é garantia suficiente — disse Philip, e calou-o. — Em troca, vou até recuperar o Rubens para ti. E, melhor ainda, acredito ser capaz

de te assegurar um prémio que garantirá força política suficiente para aplacar uma situação particularmente crítica.

Spencer não teve dificuldade em somar dois mais dois. — No Médio Oriente?

Philip acabou de beber o chá e encolheu os ombros. — Hipoteticamente. — Independentemente da resposta, ele tencionava levar Stuart ao Rubens e a Abdu. Contudo, nunca mostrava as cartas que tinha na mão antes do final do jogo. — Pode-se dizer que, com as informações que eu te desse, Inglaterra poderia exercer pressão onde lhe fosse de maior utilidade.

Spencer olhou duramente para Philip. Tinham ido tão mais além da discussão sobre diamantes e rubis, crime e punição. — Estás a ultrapassar as tuas competências, Philip.

— Agradeço a preocupação. — Recostou-se outra vez porque sentiu que a maré estava a mudar. — Garanto-te que sei exatamente o que estou a fazer.

— É um jogo delicado, o que estás a fazer.

O mais delicado, pensou Philip. *O mais importante*. — Um jogo que podemos ambos vencer, Stuart.

Arquejando um pouco, Spencer levantou-se para abrir uma garrafa de *whisky*. Serviu-se de uma dose generosa, hesitou e depois serviu mais uma. — Diz-me o que tens, Philip. Farei o que estiver ao meu alcance.

Ele aguardou um momento, avaliando as palavras. — Vou pôr nas tuas mãos a única coisa importante para mim. Tens de te lembrar disso, Stuart. — Pôs o chá de lado e aceitou o copo de *whisky*. — Vi o Rubens quando estive no interior da sala do tesouro do Rei Abdu de Jaquir.

Os olhos normalmente brandos de Spencer arregalaram-se. — E que diabo estavas tu a fazer na caixa-forte do rei?!

— É uma longa história. — Philip levantou o copo num brinde a Stuart e bebeu um grande gole. — É melhor começar pelo início, com a Phoebe Spring.

CAPÍTULO DOIS



Jaquir, 1968

Encolhida de lado, sem conseguir adormecer de tanta excitação, Adrianne viu o relógio assinalar meia-noite. O dia do seu aniversário. Completaria cinco anos de idade. Virou-se de costas, orgulhosa e feliz. Ao seu redor, no palácio, todos dormiam, mas daí a poucas horas o Sol nasceria e o muezim subiria os degraus da mesquita para chamar os fiéis à oração. Então, começaria verdadeiramente o dia mais maravilhoso da sua vida.

Da parte da tarde haveria música, presentes e bandejas de chocolates. As mulheres vestiriam todas a sua roupa mais bonita e haveria dança. Todos compareceriam: a avó contaria as suas histórias; a tia Latifa, que estava sempre a sorrir e nunca ralhava, levaria Duja; Favel, com o seu riso alegre, levaria a sua prole. Adrianne sorriu. O alojamento das mulheres encher-se-ia de gargalhadas e todas lhe diriam o quão bonita era.

A mãe prometera-lhe que iria ser um dia muito especial. O seu dia especial. Com a permissão do pai, de tarde haveria um passeio até à praia. Ela tinha um vestido novo, lindo, de seda listada em todos os tons do arco-íris. Adrianne mordeu o lábio e virou a cabeça para observar a mãe.

Phoebe dormia, o seu rosto como mármore ao luar e, desta vez, com uma expressão tranquila. Adrianne adorava estas ocasiões, em que a mãe lhe permitia dormir na enorme cama macia. Era um prazer muito especial. Ela aninhava-se nos braços de Phoebe a ouvir as histórias que a mãe lhe contava de lugares como Nova Iorque e Paris. Às vezes riam juntas.

Com cuidado, para não acordar, Adrianne estendeu uma mão para afaçar os cabelos da mãe. Tinha uma fascinação por eles. Pareciam fogo sobre a almofada; um deslumbrante fogo ardente. Aos cinco anos, Adrianne já era suficientemente mulher para invejar os cabelos da mãe. Os seus eram grossos e

pretos como os das outras mulheres de Jaquir. Só Phoebe tinha cabelos ruivos e pele branca. Só Phoebe era americana. Adrianne era meio-americana, mas Phoebe só lhe recordava isso quando estavam a sós.

Essas coisas enfureciam o pai.

Adrianne fora bem ensinada a evitar assuntos que pudessem enfurecer o pai, embora não conseguisse entender por que motivo lembrarem-lhe que Phoebe era americana o deixava de olhar frio e lábios contraídos. Ela tinha sido uma estrela de cinema. Essa descrição confundia Adrianne, mas ela gostava da expressão. *Estrela de cinema*. As palavras faziam-na pensar em pequenas luzes num céu escuro.

A mãe tinha sido uma estrela, agora era rainha, a primeira mulher de Abdu ibn Faisal Rahman al-Jaquir, soberano de Jaquir, o xeque dos xeques. A mãe era a mais bela das mulheres, com os seus enormes olhos azuis e boca macia carnuda. Ela destacava-se de entre todas as outras mulheres do harém, fazendo-as parecer passarinhos irrequietos. Adrianne só desejava que a mãe fosse feliz. Agora que já tinha cinco anos, Adrianne esperava começar a compreender porque é que a mãe parecia tantas vezes triste e chorava quando pensava que estava sozinha.

Em Jaquir, as mulheres eram protegidas. As da Casa de Jaquir não deviam trabalhar, nem preocupar-se. Era-lhes dado tudo o que precisavam — bons aposentos, os melhores perfumes. A mãe tinha roupas e joias lindas. Tinha *O Sol e a Lua*.

Adrianne fechou os olhos para melhor recordar a visão deslumbrante do colar no pescoço da mãe. O modo como o grande diamante, *O Sol*, cintilava e a pérola inestimável, *a Lua*, reluzia. Um dia, Adrianne usá-lo-ia, prometera Phoebe.

Quando fosse crescida. Confortavelmente, satisfeita com o som da respiração tranquila da mãe e os pensamentos do dia seguinte, Adrianne imaginou. Quando fosse crescida, mulher em vez de menina, colocaria o seu véu. Um dia, um marido seria escolhido para si e ela casar-se-ia. No dia do seu casamento, ela usaria *O Sol e a Lua* e tornar-se-ia uma esposa boa e prolífica.

Ofereceria festas às outras mulheres e servir-lhes-ia bolos com cobertura enquanto criados transportassem bandejas de chocolates. O seu marido seria atraente e poderoso, como o seu pai. Talvez fosse também rei e a valorizasse acima de todas as coisas.

Quando estava a adormecer, Adrianne encaracolou uma madeixa dos seus longos cabelos em torno do dedo indicador. Ele amá-la-ia como ela gostaria que o pai a amasse. Ela dar-lhe-ia bons filhos, muitos filhos lindos, e as

outras mulheres olhariam para si com inveja e respeito. Não com pena. Não com a pena que demonstravam ter da sua mãe.

A luz do corredor acordou-a. Entrou de viés quando a porta se abriu e depois caiu num feixe ofuscante sobre o chão. Através do tule fino, que circundava a cama como um casulo, ela viu a sombra.

Primeiro veio o amor, numa explosão frustrada que ela reconhecia, mas que era demasiado nova para compreender. Depois veio o medo, o medo que seguia constantemente de perto o amor que ela sentia sempre que via o pai.

Ele ia ficar zangado por vê-la ali, na cama da mãe. Ela sabia, porque as conversas no harém eram abertas, que ele raramente a visitava desde que os médicos haviam dito que Phoebe não poderia ter mais filhos. Adrianne pensou que talvez ele quisesse apenas olhar para Phoebe, que era tão linda. Mas quando ele se aproximou, o medo subiu-lhe à garganta. Rápida e silenciosamente, ela desceu da cama e agachou-se ao lado, nas sombras.

De olhos postos em Phoebe, Abdu puxou o tule. Não se tinha dado ao trabalho de fechar a porta. Ninguém se atreveria a perturbá-lo.

O luar iluminava-lhe os cabelos, o rosto. Ela parecia uma deusa, como tinha acontecido da primeira vez que a vira. O seu rosto tinha enchido o ecrã com a sua beleza deslumbrante, a sua sexualidade vincada. Phoebe Spring, a atriz americana, a mulher que os homens desejavam e temiam ao mesmo tempo, pelo seu corpo sensual e olhos inocentes. Abdu era um homem habituado a ter o melhor, o maior, o mais caro. Ele tinha-a desejado nessa altura como nunca havia desejado outra mulher. Tinha-a descoberto e cortejado do modo preferido pela mulher ocidental. Fizera dela sua rainha.

Ela tinha-o enfeitado. Por causa dela, ele traía a sua herança, desafiara a tradição. Tomara por esposa uma ocidental, uma atriz, uma cristã. Tinha sido castigado. Dentro dela, a sua semente havia apenas produzido uma criança, uma filha. Contudo, ela fazia com que ele a desejasse. O seu útero era estéril, mas a beleza tentava-o. Mesmo quando a fascinação se transformara em repulsa, ele continuara a desejá-la. Ela envergonhava-o, conspurcava o seu *sharaf*, a sua honra, com a ignorância no que dizia respeito ao Islão, mas o seu corpo não parava de ansiar por ela.

Quando enterrava o seu membro viril noutra mulher, era com Phoebe que imaginava estar a fazer amor, a pele de Phoebe cujo odor sentia, os gritos de Phoebe que ouvia. Era essa a sua vergonha secreta. Só por isso, seria capaz de a odiar. Mas era a vergonha pública, a única filha que ela lhe tinha dado, que o fazia desprezá-la.

Ele queria que ela sofresse, que pagasse, tal como ele sofrera, tal como ele pagara. Pegou no lençol e puxou-o.

Phoebe acordou, confusa, com o coração já aos saltos. Viu-o parado sobre si na penumbra. Inicialmente, pensou tratar-se do seu sonho em que ele voltava para si para a amar como a amara em tempos. Depois viu os olhos dele e percebeu que não se tratava de um sonho, nem de amor.

— Abdu. — Ela pensou na menina e olhou rapidamente em volta. A cama estava vazia. Adrianne tinha-se ido embora. Phoebe deu graças a Deus por isso. — É tarde — começou ela, mas a garganta estava tão seca que as palavras mal se ouviam. Numa atitude defensiva, ela estava já a deslizar para trás, os lençóis de cetim sussurrando debaixo dela à medida que se ia encolhendo. Ele não dizia nada, mas despiu o *thawb* branco. — Por favor. — Embora ela soubesse que eram inúteis, as lágrimas começaram a escorrer. — Não faças isto.

— Uma mulher não tem o direito de recusar o marido quando ele a deseja. — Só de olhar para ela, para o modo como o seu corpo maduro tremia contra as almofadas, ele sentia-se poderoso, de novo no comando do seu próprio destino. Independentemente do que ela pudesse ser, era propriedade sua, como eram as joias que ele tinha nos dedos e os cavalos nos estábulos. Agarrou-a pelo corpete da camisa de noite e puxou-a.

Escondida nas sombras ao lado da cama, Adrianne começou a tremer.

A mãe estava a chorar. Eles estavam a brigar, a gritar um ao outro palavras que ela não entendia. O pai mantinha-se sob o luar, a sua pele escura brilhante com uma película de suor que era fruto do desejo e não do calor sufocante. Ela nunca tinha visto o corpo de um homem, mas não estava perturbada com a visão. Ela sabia o que era o sexo e que o membro viril do pai, que parecia tão rijo e ameaçador, podia ser usado para entrar na sua mãe e fazer um filho. Ela sabia que isso trazia prazer, que o ato era algo que uma mulher desejava mais do que tudo. De facto, tinha escutado isto um milhar de vezes ao longo da sua tenra idade, pois as conversas sobre sexo no harém eram incessantes.

Mas a mãe não podia ter mais filhos, e se aquele ato trazia prazer, por que motivo estava ela a chorar e a pedir ao pai para que a largasse?

Uma mulher devia acolher o marido no leito conjugal, pensou Adrianne com os olhos cheios de lágrimas. Devia regozijar-se por ser desejada, por ser o meio gerador de crianças.

Ela ouviu a palavra *puta*. Não era uma palavra que conhecesse, mas soava feia na boca do pai e ela não iria esquecer-se dela.

— Como podes chamar-me isso? — A voz de Phoebe era interrompida por soluços enquanto ela lutava para se libertar. Em tempos ela regozijara-se com a sensação dos braços dele ao redor do seu corpo, encantara-se com a forma como a pele dele brilhava ao luar. Agora sentia apenas medo. — Nunca

estive com outro homem. Só contigo. Foste tu quem desposou outra mulher mesmo depois de termos tido uma filha.

— Tu não me deste nada. — Ele enrolou os cabelos dela em torno da mão, fascinado, mas detestando o seu fogo. — Uma menina. Menos que nada. Só preciso de olhar para ela para sentir a minha desgraça.

Phoebe bateu-lhe então com força suficiente para lhe projetar a cabeça para trás. Mesmo que tivesse sido mais rápida, não haveria para onde fugir. O dorso da mão dele atingiu-a violentamente no rosto, fazendo-a girar. Tomado pelo desejo e pela fúria, Abdu rasgou-lhe a camisa de noite.

Ela tinha um corpo de deusa, a fantasia de qualquer homem. Os seios sumptuosos começaram a oscilar no momento em que o terror lhe fez disparar o coração. Ao luar, a sua pele clara brilhava, revelando já as marcas negras das mãos dele. As ancas dela eram roliças. Quando a paixão a dominava, eram capazes de se mover como relâmpagos, respondendo de igual para igual às investidas de um homem. Desavergonhada. O desejo era como uma dor dentro dele, como as garras de um demónio lacerando-o. Um candeeiro caiu sobre a mesa enquanto lutavam, espalhando vidros pelo chão.

Paralisada com horror, Adrianne viu o pai enterrar os dedos nos fartos seios brancos de Phoebe. A mãe suplicava, debatia-se. Um homem tinha o direito de bater na sua mulher. Ela não podia rejeitá-lo no leito conjugal. Era a tradição. Contudo... Adrianne tapou com força os ouvidos para bloquear os gritos de Phoebe quando ele subiu para cima dela e a possuiu violentamente repetidas vezes.

Com o rosto molhado das próprias lágrimas, Adrianne rastejou para debaixo da cama. Pressionou as mãos contra as orelhas até estas começarem a doer, mas continuava a conseguir ouvir os grunhidos do pai, o choro desesperado da mãe. Acima da sua cabeça, a cama abanava. Ela enroscou-se numa bola, tentando ficar mais pequena; tão pequena que não seria capaz de ouvir, nem sequer existiria.

Ela nunca tinha ouvido a palavra *violação*, mas após aquela noite não precisaria que lha definissem.

— ESTÁS TÃO CALADA, ADDY. — PHOEBE ESCOVAVA OS CABELOS da filha, que chegavam à cintura, com movimentos longos e lentos. Addy. Abdu desprezava a alcunha e só tolerava o mais formal Adrianne porque a sua primogénita, além de mulher, era mestiça. Ainda assim, por orgulho muçulmano, ele tinha decretado que a filha teria um nome árabe. Assim sendo, em todos os documentos oficiais, «Adrianne» estava registado como Ad Riyahd

An, seguido de uma quantidade de nomes de família de Abdu. Phoebe repetiu a alcunha e perguntou: — Não gostas dos teus presentes?

— Gosto muito. — Adrianne envergava o seu vestido novo, mas este já não a alegrava. Ao espelho, ela podia ver a cara da mãe atrás da sua. Phoebe tinha tapado cuidadosamente o negrão com maquilhagem, mas Adrianne conseguia ver a sombra.

— Estás linda. — Phoebe virou-a para si para a abraçar. Num outro dia, Adrianne poderia não ter reparado na força do abraço, poderia não ter reconhecido o tom de desespero na voz da mãe. — A minha princesinha. Amo-te tanto, Addy. Mais do que tudo no mundo.

Ela cheirava a flores, como as flores quentes e ricas do jardim lá fora. Adrianne inalou o odor da mãe encostando o rosto aos seus seios. Beijou-os, recordando a crueldade com que o pai os tinha tratado na noite anterior.

— Não te vais embora? Não me vais deixar?

— Onde foste buscar uma ideia dessas? — Com umas risadinhas, Phoebe empurrou-a um pouco para olhar para ela. Quando viu as lágrimas, o riso parou. — Oh, querida, o que é isto?

Infelícíssima, Adrianne pousou a cabeça no ombro de Phoebe. — Eu sonhei que ele te mandava embora. Que te ias embora e eu nunca mais te via.

As mãos de Phoebe hesitaram e depois continuaram a acariciar a menina. — Foi só um sonho, querida. Eu nunca te vou deixar.

Adrianne subiu para o colo da mãe, feliz por ser embalada e tranquilizada. Através das gelosias das janelas, dedos de luz do Sol perfumada atravessavam o quarto e penetravam no desenho do tapete. — Se eu fosse menino, ele amava-nos.

Phoebe encheu-se tão rapidamente de raiva, que foi capaz de lhe sentir o sabor na língua. Quase imediatamente, a raiva transformou-se em desespero. Mas ela era ainda uma atriz. Se não podia usar o talento para mais nada, usá-lo-ia para proteger o que era seu. — Que conversa mais tola, e ainda por cima no dia do teu aniversário. Que piada tem um menino? Eles não usam vestidos bonitos.

Adrianne deu umas risadinhas e aninhou-se mais no colo da mãe. — Se eu vestisse um vestido ao Fahid, ele ia parecer uma boneca.

Phoebe contraiu os lábios e tentou ignorar a pontada de dor. Fahid. O filho que a segunda mulher de Abdu lhe havia dado depois de ela própria ter falhado. Falhado não, disse para si mesma. Começava a pensar como uma muçulmana. Como podia ter falhado, se tinha uma filha linda nos braços?

Não me deste nada. Uma menina. Menos que nada.

Tudo, pensou Phoebe ferozmente. Dei-te tudo.

— Mamã?

— Estava a pensar. — Phoebe sorriu e tirou Adrianne do colo. — Estava a pensar que precisas de mais um presente. Um presente secreto.

— Secreto? — Adrianne bateu palmas e esqueceu as lágrimas.

— Senta-te e fecha os olhos.

Encantada, Adrianne obedeceu, contorcendo-se na cadeira enquanto tentava ser paciente. Phoebe tinha escondido o pequeno globo de vidro entre as camadas de roupa. Não tinha sido fácil levá-lo para dentro do país, mas ela estava a aprender a ser inventiva. Os comprimidos também não tinham sido tarefa fácil, os pequenos comprimidos cor-de-rosa que lhe permitiam ultrapassar cada dia. Adormeciam a dor e acalmavam o coração. Os melhores amigos da mulher. Só Deus sabia que naquele país uma mulher precisava de todos os amigos que conseguisse fazer. Se os comprimidos fossem descobertos, ela poderia ser condenada à execução pública. Se não os tivesse, não tinha a certeza se conseguiria sobreviver.

Um círculo vicioso. A única coisa que lhe dava forças era Adrianne.

— Aqui tens. — Phoebe ajoelhou-se junto à cadeira. A menina usava um colar de safiras no pescoço e gemas cintilantes nas orelhas. Phoebe pensava, esperava, que o pequeno presente que estava naquele momento a dar a Adrianne significasse mais. — Abre os olhos.

Era uma coisa simples, quase ridiculamente simples. Por poucos dólares, podia ser comprada durante as férias em milhares de lojas nos Estados Unidos. Os olhos de Adrianne arregalaram-se como se ela tivesse magia nas mãos.

— É neve. — Phoebe virou outra vez o globo, fazendo os flocos de neve dançarem. — Na América, neva no inverno. Bem, na maior parte dos sítios. No Natal, decoramos árvores com luzes bonitas e bolas coloridas. Pinheiros, como o que vês aqui. Uma vez andei com o meu avô num trenó como este. — Encostando a cabeça à de Adrianne, olhou para o cavalo e o trenó em miniatura no interior da esfera de vidro. — Um dia, Addy, vou levar-te lá.

— Dói?

— A neve? — Phoebe riu-se outra vez e abanou o globo. O cenário ganhou vida uma vez mais, com neve rodopiando em torno do pinheiro decorado e o homem pequenino deslizando no trenó encarnado atrás de um bonito cavalo castanho. Era uma ilusão. Tudo o que lhe restava eram as suas ilusões e uma criança para proteger. — Não. É fria e molhada. Podes construir coisas com ela. Bonecos de neve, bolas, castelos. Fica tão bonita sobre as árvores. Vês? Tal e qual aqui.

Adrianne inclinou a esfera. O pequeno cavalo castanho tinha uma perna levantada enquanto os minúsculos flocos de neve dançavam em torno da sua cabeça. — É bonito, mais do que o meu vestido novo. Quero mostrar à Duja.

— Não. — Phoebe sabia o que aconteceria se Abdu tivesse conhecimento da sua existência. O globo era um símbolo da festividade cristã. Desde o nascimento de Adrianne que ele se tinha tornado um fanático pela religião e pela tradição. — É um segredo nosso, lembra-te? Quando estivermos só nós as duas, podes olhar para ele, mas nunca, nunca quando alguém estiver por perto. — Levou o globo e escondeu-o na gaveta. — Agora está na hora da festa.

Estava calor no harém, embora as ventoinhas girassem e as gelosias estivessem fechadas contra o sol forte. A luz que vinha dos candeeiros com *abat-jours* em filigrana era suave e agradável. As mulheres tinham vestido as suas melhores roupas. Deixando as *abayas* e os véus negros à porta, passavam de corvos a pavões num piscar de olhos.

Juntamente com os véus, as mulheres tinham também deixado cair o silêncio e começado a conversar sobre crianças, sexo, moda e fertilidade. Pouco depois, o harém, com a sua luz suave e as almofadas luxuriantes, estava preenchido com o perfume forte das mulheres e do incenso.

Por causa da sua posição social, Adrianne cumprimentava as convidadas com um beijo em cada face enquanto eram servidos chá verde e café com especiarias em pequenas chávenas frágeis sem asa. Havia tias, primas e uma vintena de princesas de menor notoriedade, que, como as outras mulheres, exibiam com igual orgulho tanto as joias como os seus bebês, os dois principais símbolos de sucesso no seu mundo.

Adrianne achava-as lindas nos seus vestidos compridos e rumorejantes cheios de cor. Por detrás dela, Phoebe via um desfile de moda que parecia próprio do século XVIII. Ela aceitava os olhares compassivos que lhe eram dirigidos com a mesma expressão estoica com que aceitava os presunçosos. Reconhecia perfeitamente que era a intrusa ali, a mulher do Ocidente que não tinha conseguido dar um herdeiro ao rei. Não importava, dizia para si mesma, se a aceitavam, ou não. Desde que fossem amáveis para Adrianne.

Nesse ponto, ela não encontrava qualquer falha. Adrianne era uma delas, como ela própria nunca poderia ser.

Atacaram famintas o bufê, provando de tudo, usando os dedos com a frequência com que ela usava as pequenas colheres de prata. Se ficassem demasiado anafadas para os seus vestidos, comprariam outros. Eram as compras, pensou Phoebe, que ajudavam as mulheres árabes a passarem o dia, tal como eram os comprimido cor-de-rosa que a ajudavam a suportar aquela vida. Nenhum homem, à exceção do marido, pai ou irmão, veria os seus vestidos

ridículos. Quando saíssem do harém, tapar-se-iam de novo, cobririam os rostos com os seus véus, esconderiam os cabelos. Fora daquelas paredes, tinham de se lembrar da *aurat*, das coisas que não podiam ser mostradas.

Que jogos que elas faziam!, pensou Phoebe com enfado. Com a sua hena, os seus perfumes e os seus anéis cintilantes. Seria possível que se considerassem felizes quando até ela, que já não se importava, conseguia ver o tédio nos seus rostos? Pedia a Deus para nunca o ver no rosto de Adrianne.

Mesmo com os seus tenros cinco anos, Adrianne tinha discernimento suficiente para assegurar que as convidadas se divertissem e se sentissem confortáveis. Já falava árabe com fluidez e musicalidade. Adrianne nunca tinha tido coragem de dizer à mãe que essa língua era mais fácil para si do que o inglês. Pensava em árabe, sentia até em árabe, e tanto os pensamentos como as emoções tinham frequentemente de ser traduzidos para inglês antes de ela poder transmiti-los à mãe.

Ela era feliz ali, naquela sala repleta de vozes e de perfume de mulheres. O mundo de que a mãe lhe falava de tempos a tempos não passava de um conto de fadas para ela. A neve era apenas uma coisa que dançava dentro de uma pequena esfera de vidro.

— Duja. — Adrianne atravessou a sala a correr para beijar a face da sua prima favorita. Duja tinha quase dez anos, para inveja e admiração de Adrianne; era quase uma mulher.

Duja abraçou-a em resposta. — O teu vestido é lindo.

— Eu sei. — Mas Adrianne não resistiu a passar uma mão pela manga do da prima.

— É de veludo — disse-lhe Duja com ares de importância. O facto de o pesado tecido ser insuportavelmente quente não era nada comparado com a imagem que ela tinha visto no seu espelho. — O meu pai comprou-mo em Paris. — Deu uma volta completa; era uma menina esguia e morena, com um rosto fino e olhos grandes. — Quando ele lá voltar, prometeu levar-me com ele.

— Verdade? — Adrianne reprimiu a inveja que crescia dentro de si. Não era nenhum segredo que Duja era a preferida do pai, o irmão do rei. — A minha mãe já lá esteve.

Por ter um coração bondoso, e estar feliz com o seu veludo, Duja acariciou os cabelos de Adrianne. — Um dia tu também irás. Se calhar, quando formos crescidas, vamos as duas juntas.

Adrianne sentiu um puxão na saia. Olhou para baixo e viu o meio-irmão Fahid. Pegou-o ao colo para lhe cobrir a cara de beijos e o fazer guinchar de riso. — És o bebé mais lindo de Jaquir. — Ele era pesado, embora fosse

apenas dois anos mais novo que ela, e ela teve de fazer força para suportar o seu peso. Cambaleando um pouco, levou-o até à mesa para lhe ir buscar uma sobremesa.

Os outros bebés também estavam a ser paparicados e acarinhados. As meninas da idade de Adrienne e mais novas andavam de volta dos meninos, acariciando-os e mimando-os. Desde a nascença, as mulheres eram ensinadas a dedicar o seu tempo e energia a agradar aos homens. Adrienne só sabia que adorava o irmão mais novo e que queria fazê-lo sorrir.

Phoebe não suportava isso. Viu a sua filha servir o filho da mulher que tinha ocupado o seu lugar na cama e no coração do marido. Que diferença fazia se ali a lei dizia que um homem podia desposar quatro mulheres? Não era a sua lei, não era o seu mundo. Ela vivia há seis anos naquele mundo, e podia viver mais sessenta, mas nunca seria o seu. Odiava os cheiros intensos e enjoativos daquele lugar, que era obrigada a tolerar dia após dia. Phoebe esfregou com a mão a têmpora, no local onde uma dor de cabeça começava a latejar. O incenso, as flores, perfume sobre perfume.

Ela detestava o calor, o implacável calor.

Apetecia-lhe uma bebida; não o café, nem o chá que sempre eram servidos, mas vinho. Apenas um copo de vinho fresco. Mas em Jaquir não era permitido qualquer vinho. Era permitida violação, pensou ela levando um dedo à face dorida. Violação, sim, mas vinho não. Chicoteamentos e véus, chamadas à oração e poligamia, mas nem uma gota de *Chablis* refrescante, nem um cálice de *Sancerre*.

Como era possível ter achado o país belo quando ali chegara noiva? Tinha olhado para o deserto, para o mar, para as altas paredes brancas do palácio e pensado que aquele era o lugar mais misterioso e exótico do mundo.

Estava apaixonada nessa altura. Que Deus a ajudasse, pois continuava apaixonada.

Naqueles primeiros tempos, Abdu tinha-a feito ver a beleza do seu país e a riqueza da sua cultura. Ela tinha abandonado a sua terra e os seus costumes para tentar ser o que ele queria. Mas, afinal, o que ele queria era a mulher que tinha visto no ecrã, o símbolo de sexo e inocência que ela tinha aprendido a representar. Phoebe era demasiado humana.

Abdu quisera um filho. Ela dera-lhe uma filha. Ele quisera torná-la uma filha de Alá, mas ela era, e sempre seria, produto da própria educação.

Ela não queria pensar no assunto, nele, na sua vida, nem no sofrimento. Precisava de esquecer por algum tempo. Iria tomar apenas mais um comprimido, disse para si mesma, para a ajudar a suportar o resto do dia.

CAPÍTULO TRÊS



Pouco antes de completar treze anos, Philip Chamberlain já era um ladrão notável. Aos dez, tinha deixado de roubar os bolsos recheados de homens de negócios remediados a caminho dos seus bancos, de corretores e de advogados, ou de assaltar as carteiras a turistas incautos que deambulavam por Trafalgar Square. Era um assaltante de casas, embora alguém que olhasse para ele visse apenas um menino bonito, aprumado e um pouco magro.

Tinha mãos hábeis, olhos perspicazes e os instintos natos de um assaltante escalador de paredes. Com astúcia, artimanha e punhos fortes, evitara ser assimilado por qualquer um dos gangues de rua que vagueavam por Londres nos finais dos anos sessenta. Nem sentia a necessidade de distribuir flores e de usar colares de contas. Aos catorze anos, Philip não era *Mod* nem *Rocker*. Trabalhava agora por conta própria e não via motivos para usar um emblema de fidelidade. Era um ladrão, não um rufia, e sentia apenas desprezo por delinquentes que aterrorizavam velhotas e roubavam o seu dinheiro para os gastos diários. Ele era um homem de negócios e achava piada aos da sua geração que falavam de vida comunitária, ou tocavam guitarras em segunda mão, enquanto as suas cabeças estavam repletas de sonhos de grandeza.

Ele tinha planos para si, grandes planos.

No centro destes estava a mãe. Tencionava esquecer a sua vida pobre e sonhava com uma casa grande no campo, um carro de luxo, roupas elegantes e festas. No decurso do último ano, tinha começado a fantasiar com mulheres igualmente elegantes. Mas, por enquanto, a única mulher da sua vida era Mary Chamberlain, a mulher que o tinha posto no mundo e criado sozinha. Mais do que tudo, ele queria dar-lhe o que de melhor a vida tinha para oferecer,

substituir por verdadeiras as joias de pechisbeque que ela usava, tirá-la do minúsculo apartamento em redor do qual estava a formar-se rapidamente o elegante bairro de Chelsea.

Em Londres fazia frio. O vento lançava neve húmida contra o rosto de Philip enquanto ele caminhava apressadamente em direção ao cinema Faraday, onde Mary trabalhava. Ele vestia-se bem. Um polícia de rua raramente olhava duas vezes para um rapaz apumado, de camisa lavada. De qualquer modo, detestava calças remendadas e punhos coçados. Ambicioso, autossuficiente e sempre de olho no futuro, Philip tinha encontrado uma forma de conseguir o que queria.

Nascera pobre e sem pai. Aos catorze anos, não tinha maturidade suficiente para pensar nisso como uma vantagem, como algo que o tornara mais forte. Ressentia-se da pobreza, mas tinha um ressentimento muito maior do homem que havia passado pela vida da sua mãe e que era seu progenitor. Na sua opinião, Mary merecia melhor. E, por Deus, também ele. Em tenra idade tinha começado a usar os dedos hábeis, e a sua astúcia, para garantir que ambos conseguiriam melhor.

Tinha uma pulseira de pérolas e diamantes no bolso, junto com uns brincos de mola a condizer. Ficara um pouco dececionado depois de os examinar com a lupa de mão. Os diamantes não eram de primeira qualidade, e o maior de todos tinha menos de meio quilate. Contudo, as pérolas tinham um brilho bonito e ele estava convencido de que o seu recetador em Broad Street lhe faria um preço justo. Philip era tão bom a negociar como era a arrombar fechaduras. Ele sabia exatamente quanto queria pelas bugigangas que levava no bolso. O suficiente para comprar um casaco novo com gola de pelo à mãe pelo Natal e ficar ainda com uma quantia razoável para pôr de parte na sua poupança.

Havia uma fila sinuosa diante da bilheteira do Faraday. O anúncio luminoso noticiava o especial da temporada como sendo *Cinderela* de Walt Disney, por isso havia muitas crianças lamuriosas e superentusiasmadas com as respectivas amas e mães exaustas. Philip sorriu ao atravessar as portas. Apostava que a mãe já tinha visto o filme uma dúzia de vezes. Nada a alegrava mais do que um final «felizes para sempre».

— Mãe. — Entrou pelas traseiras da bilheteira para lhe beijar a face. Estava pouco mais quente no interior da cabina de vidro do que lá fora ao vento. Philip lembrou-se do casaco de lã vermelho que tinha visto na montra do Harrods. A mãe ficaria deslumbrante de vermelho.

— Phil. — Como sempre, o prazer iluminou os olhos de Mary quando ela olhou para o filho. Um menino muito bonito, de rosto delgado e cabelos dourados. Ao contrário de muitas mulheres, ela não sentia uma angústia súbita

quando via o homem que amara tão intensamente, e por tão pouco tempo, refletido nos olhos do menino. Philip era seu. Todo seu. Nunca lhe tinha dado qualquer problema, nem enquanto bebé. Ela nunca se havia arrependido da decisão de o ter, embora estivesse sozinha, sem marido, sem família. De facto, nunca passara pela cabeça de Mary recorrer a uma daquelas minúsculas salas clandestinas onde uma mulher podia livrar-se de um problema antes de este aparecer.

Philip era para si uma alegria e assim tinha sido desde o momento da concepção. Se ela se arrependia de alguma coisa, era do facto de saber que ele estava ressentido com o pai que nunca tinha conhecido e que o procurava no rosto de todos os homens que via.

— Tens as mãos frias — disse-lhe ele. — Devias ter calçado as tuas luvas.

— Não consigo fazer os trocos com as luvas. — Mary sorriu para a jovem que levava um menino agarrado pelo pescoço. Ela nunca precisara de controlar o seu Phil daquela maneira. — Aqui tem, querida. Bom filme.

Ela trabalhava demasiado, pensou Philip. Trabalhava demasiado e demasiado tempo por tão pouco dinheiro. Embora ela fosse reservada no que dizia respeito à idade, ele sabia que ela tinha pouco mais de trinta anos. E era bonita. Podia não ter dinheiro para comprar *Mary Quant*, mas escolhia o pouco que tinha com cuidado e tinha olho para cores arrojadadas. Ela adorava ver as revistas de moda e de cinema e copiar penteados. Podia remendar as suas meias, mas Mary Chamberlain era tudo menos desmazelada.

Ele continuava à espera que entrasse outro homem na vida dela e mudasse as coisas para melhor. Olhou em volta para a minúscula cabina que cheirava sempre aos gases da rua. Ele ia mudar as coisas primeiro.

— Devias dizer ao Faraday para colocar um aquecedor melhor do que esse velho e raquítico.

— Não te preocupes com isso, Phil. — Mary estava a contar o troco para duas adolescentes aos risinhos que tentavam desesperadamente meter-se com o seu filho. Mary passou as moedas pela calha e abafou uma gargalhada. Na verdade, não podia censurá-las. Ora, tinha até apanhado a sobrinha da vizinha, que tinha uns vinte e cinco anos, a fazer-se a Phil. A oferecer-lhe chévenas de chá. A pedir-lhe para lhe ir arranjar uma porta que chiava. Realmente, uma porta que chiava. Mary bateu com o troco na calha com força suficiente para fazer uma ama de cara arredondada resmungar.

Bem, ela ia pôr um ponto final nisso. Sabia que o seu Phil iria deixá-la um dia e que seria por causa de uma mulher. Mas não seria uma vaca de tetas gordas uma dúzia de anos mais velha. Não enquanto Mary Chamberlain fosse viva.

— Passa-se alguma coisa, mãe?

— Como? — Sobressaltada, Mary quase corou. — Não, nada, amor. Gostavas de entrar para ver o filme? O senhor Faraday não se importa nada.

Desde que não me veja, pensou Philip com uma careta. Ele dava graças a Deus por ter há muito eliminado Faraday da sua lista de pais prováveis. — Não, obrigado. Só passei por aqui para te dizer que tenho umas coisas para fazer. Queres que traga alguma coisa do mercado?

— Dava-nos jeito uma boa galinha. — Mary soprou distraidamente as mãos quando se recostou. Estava frio na bilheteira e arrefeceria ainda mais quando o inverno se instalasse. No verão, parecia um daqueles banhos turcos sobre os quais tinha lido. Mas era o seu trabalho. Quando uma mulher tinha um filho para criar e não tinha muita instrução, agarrava-se ao que aparecia. Começou a estender a mão em direção à carteira a imitar cabedal. Nunca lhe teria passado pela cabeça surripiar uma única libra da caixa registadora.

— Ainda tenho algum dinheiro.

— Está bem. Vê se a galinha é fresca. — Entregou quatro bilhetes a uma mulher atrapalhada com dois meninos que brigavam entre si e uma menina com uns olhos enormes cheios de lágrimas.

Faltavam cinco minutos para o início do filme. Ela ia ter de ficar na bilheteira mais vinte, na eventualidade de aparecerem pessoas atrasadas. — Não te esqueças de tirar o dinheiro da galinha de dentro da lata quando chegares a casa — disse-lhe ela, sabendo que ele não o faria. Abençoado, o filho estava sempre a enfiar lá dinheiro em vez de o tirar. — Mas não devias estar na escola?

— É sábado, mãe.

— Sábado. Sim, claro, é sábado. — Tentando não suspirar enquanto arqueava as costas, ela pegou numa das suas revistas cor-de-rosa que já tinha sido bastante manuseada. — O senhor Faraday vai fazer um festival de homenagem ao Cary Grant no próximo mês. Até me pediu para o ajudar a escolher os filmes.

— Que bom. — A pequena bolsa de cabedal começava a pesar dentro do bolso de Philip e ele estava em pulgas para sair dali.

— Vamos começar com o meu preferido. *Ladrão de Casaca*. Ias adorar.

— Talvez — disse ele, olhando para os olhos inocentes da mãe. Perguntou-se o quanto saberia ela. Ela nunca fazia perguntas, nunca questionava os pequenos extras que ele levava para casa. Não era parva. Apenas otimista, pensou, e beijou-a de novo na face. — E se eu te levasse na tua noite de folga?

— Isso seria maravilhoso. — Ela resistiu ao impulso de lhe acariciar os cabelos, sabendo que isso iria envergonhá-lo. — A Grace Kelly também entra.

Imagina, uma princesa verdadeira. Estava a pensar isso hoje de manhã, quando abri esta revista e vi um artigo sobre a Phoebe Spring.

— Quem?

— Oh, Philip. — Ela fez um estalido com a língua e dobrou a página para fora. — A Phoebe Spring. A mulher mais linda do mundo.

— A minha mãe é que é a mulher mais linda do mundo — disse ele porque sabia que ela iria rir-se e corar.

— Tens cá uma lata, menino. — Ela riu-se realmente, com bastante vontade, como ele adorava ouvi-la rir. — Mas olha bem para ela. Era atriz, uma atriz maravilhosa, mas depois casou-se com um rei. Agora está a viver com o homem dos seus sonhos no seu palácio fabuloso em Jaquir. Parece a história de um filme. Esta é a filha deles. A princesa. Ainda não tem cinco anos, mas é uma autêntica beleza, não é?

Philip olhou desinteressadamente para a fotografia. — Não passa de um bebé.

— Que estranho. A pobrezinha tem uns olhos tão tristes.

— Estás outra vez a inventar. — Fechou a mão sobre a bolsa que tinha no bolso. Deixaria a mãe com as suas fantasias, com os sonhos sobre Hollywood, realeza e limusinas brancas. Mas havia de conseguir que ela passeasse numa. Que diabo, iria comprar-lhe uma. Talvez naquele momento ela só pudesse ler sobre rainhas, mas um dia iria conseguir que vivesse como uma. — Tenho de ir.

— Diverte-te, querido. — Mary estava outra vez concentrada na sua revista. *Que menina tão bonita*, pensou novamente, e sentiu uma angústia maternal.

CAPÍTULO QUATRO



Adrianne adorava os *souks*, os mercados públicos ao ar livre. Aos oito anos, já tinha aprendido a apreciar a diferença entre diamantes e vidro cintilante, entre rubis birmaneses e pedras preciosas de cor e qualidade inferiores. Com Jiddah, a avó, aprendeu a avaliar, com a mesma sagacidade de um mestre joalheiro, a lapidação, a pureza e a cor. Com Jiddah, deambulava durante horas a admirar as melhores gemas que os *souks* tinham para oferecer.

As joias eram a segurança que uma mulher podia usar, dizia-lhe Jiddah. De que valiam a uma mulher barras de ouro e dinheiro guardados num banco? Diamantes, esmeraldas e safiras podiam ser exibidos em pregadeiras, brincos e colares, e assim uma mulher podia mostrar a sua riqueza ao mundo.

Nada dava mais prazer a Adrianne do que ver a avó a regatear nos *souks* enquanto o calor se erguia em ondas tornando o ar tremeluzente. Iam com frequência grupos de mulheres cobertas de negro, como bandos de corvos, para manusearem cordões de ouro e prata, para enfiarem anéis de pedras polidas nos dedos, ou simplesmente para examinarem o brilho de pedras preciosas através do vidro empoeirado, com os odores dos animais e das especiarias a pairarem no ar. Os *matawain* vagueavam com as suas barbas desgrehadas de pontas tingidas com hena, prontos para punir qualquer violação da lei religiosa. Adrianne nunca receava os *matawain* quando estava com Jiddah. A antiga rainha era reverenciada em Jaquir. Tinha tido doze filhos. Quando andavam às compras, o ar estava carregado de som, com os gritos dos regateios, os zurros de burros, o barulho das sandálias no chão duro.

Quando soava a chamada à oração, os *souks* fechavam. Então as mulheres aguardavam enquanto os homens baixavam os seus rostos no solo. Adrianne

ouvira os estalidos das contas de oração, de cabeça inclinada como as outras mulheres. Ela ainda não usava véu, mas já não era uma criança. Naquele final de verão mediterrânico, ela esperava, pronta para a mudança.

Tal como Jaquir. Embora o país lutasse contra a pobreza, a Casa de Jaquir era rica. Como primogénita do rei, ela tinha direito aos símbolos e às insígnias da sua posição social. Mas o coração de Abdu nunca se abriu para ela.

A segunda mulher tinha-lhe dado duas filhas depois de Fahid. Tinha-se comentado no harém que Abdu ficara furioso depois do nascimento da segunda menina e que quase se divorciara de Leiha. Mas o príncipe herdeiro era forte e bonito. Corriam rumores de que Leiha voltaria a engravidar brevemente. Para assegurar a sua linhagem, Abdu desposara uma terceira mulher e plantara rapidamente a sua semente.

Phoebe começara a tomar um comprimido todas as manhãs. Refugiava-se agora em sonhos, a dormir ou acordada.

No harém, com a cabeça confortavelmente aninhada no joelho da mãe, os olhos languidamente semicerrados por causa do fumo do incenso, Adrianne via as primas dançar. Ela estivera na expectativa de ir às compras, talvez para comprar uma seda nova, ou uma pulseira de ouro como a que Duja lhe havia mostrado no dia anterior, mas a mãe parecera-lhe muito apática naquela manhã.

Iriam às compras no dia seguinte. Nesse dia, as ventoinhas agitavam o ar carregado de incenso enquanto os tambores marcavam um ritmo lento. Latifa tinha conseguido entrar com um catálogo da Frederick's of Hollywood. As mulheres estavam a tocar-lhe e a darem risadinhas. Conversavam, como sempre faziam, e a conversa era sobre sexo. Adrianne estava demasiado habituada às palavras diretas e às descrições entusiasmadas para se interessar. Ela gostava de ver a dança, os longos movimentos sinuosos, o fluir dos cabelos escuros, o contorcimento dos corpos.

Olhou de relance para Meri, a terceira mulher do seu pai que, presunçosamente feliz com a sua grande barriga, estava sentada por perto a falar sobre parto. De cara franzida enquanto amamentava a filha mais nova, Leiha observava sub-repticiamente Meri. Fahid, um robusto menino de cinco anos, aproximou-se a exigir atenção e, sem hesitar, Leiha passou a bebé a outra mulher. O seu sorriso era triunfante quando levou o filho ao peito.

— É de admirar que eles se habituem a abusar de nós? — murmurou Phoebe.

— Mamã?

— Nada. — Distraída, acariciou os cabelos de Adrianne. O batuque do tambor ressoava dentro da sua cabeça: monótono, impiedoso, como os dias

que ela passava no harém. — Na América, os bebés são amados, quer sejam meninos ou meninas. Não se espera que as mulheres passem a vida a dar à luz.

— Como é que uma tribo se mantém forte?

Phoebe suspirou. Havia dias em que já não conseguia pensar com clareza. Tinha de culpar, e agradecer, os comprimidos por esse facto. O último abastecimento custara-lhe um anel de esmeraldas, mas tinha recebido como bónus uma garrafa de *vodka* russa. Ela consumia-a muito parcamente, bebendo apenas um pequeno copo depois de cada vez que Abdu ia ao seu quarto. Já não lutava contra ele, já não se importava; suportava concentrando os pensamentos na consolação que iria ter com a bebida que tomaria quando ele terminasse.

Ela podia ir-se embora. Se reunisse coragem, pegaria em Adrianne e fugiria de volta ao mundo real, onde as mulheres não eram obrigadas a tapar os seus corpos com vergonha, nem a submeter-se aos caprichos cruéis dos homens. Podia voltar para a América, onde era amada, onde as pessoas enchiam cinemas para a ver. Ainda podia representar. Não estava a representar todos os dias? Na América, podia dar a Adrianne uma boa vida.

Não podia ir-se embora. Phoebe fechou os olhos e tentou bloquear o som dos tambores. Para sair de Jaquir, uma mulher precisava de autorização por escrito de um homem da sua família. Abdu nunca lha daria pois, por mais que a odiasse, desejava-a.

Ela já lhe tinha suplicado para a deixar ir, mas ele recusara. Para fugir seriam precisos milhares de dólares e um risco que ela estava quase pronta a correr. Mas nunca conseguiria fugir do país com Adrianne. Nenhum suborno era suficientemente grande para tentar um contrabandista a dar passagem ilegal à filha do rei.

E ela tinha medo. Medo do que ele pudesse fazer a Adrianne. *Ele tirar-lha-ia*, pensou Phoebe. Não haveria nada que ela pudesse fazer para o impedir, nenhum tribunal a que apelar, senão ao tribunal dele, nenhuma polícia a quem recorrer, senão à polícia dele. Ela nunca arriscaria perder Adrianne.

Já pensara em suicídio por mais de uma vez. A derradeira fuga. Pensava nisso como em tempos pensara no ato de amor, como algo a ser desejado, estimado, lentamente saboreado. Por vezes, nas tardes quentes e intermináveis, ela olhava fixamente para o frasco de comprimidos e indagava-se qual seria a sensação de os tomar todos, de se deixar levar completa e definitivamente para o nubloso mundo dos sonhos. Magnífico. Ela chegara até a despejá-los na mão, para os contar, para os acariciar.

Mas havia Adrianne. Sempre Adrianne.

Por isso iria ficar. Iria drogar-se até a realidade se tornar suportável e iria ficar. Mas daria a Adrianne algo que era seu.

— Quero apanhar sol — disse Phoebe abruptamente. — Vamos passear para o jardim.

Adrianne queria deixar-se ficar onde estava, serenada pelos aromas e sons, mas levantou-se obedientemente e acompanhou a mãe.

Estava um calor sufocante. Como sempre, agredia os olhos de Phoebe e fazia-a desejar ardentemente uma brisa do Pacífico. Em tempos tivera uma casa em Malibu e adorara sentar-se junto da ampla janela a contemplar as ondas do mar.

Ali havia flores exuberantes, exóticas e repletas de perfume. As paredes eram altas, para evitar que qualquer mulher que por ali se passeasse pudesse tentar um transeunte. Assim eram os costumes do Islão. Uma mulher era um fraco ser sexual, sem força nem intelecto para guardar a sua virtude. Eram os homens quem lha guardavam.

O ar no oásis do jardim estava vivo com o canto dos pássaros. A primeira vez que Phoebe vira aquele jardim, com aquela diversidade de flores exuberantes e perfumes estonteantes, pensara que parecia saído de um filme. Ao seu redor, as areias do deserto moviam-se, mas ali havia jasmim, loendro, hibisco. Laranjeiras e limoeiros em miniatura vicejavam. Ela sabia que os seus frutos, tal como os olhos do seu marido, eram amargos.

De um modo irresistível, foi atraída para a fonte. Tinha sido um presente de Abdu para ela, quando a levara para aquele país para ser sua rainha. Um símbolo do fluxo constante do seu amor. O amor há muito secara, mas a fonte continuava a jorrar.

Ela ainda era sua mulher, a primeira das quatro que as suas leis lhe permitiam. Mas em Jaquir, o casamento dela tinha-se transformado na sua prisão. Girando o anel de diamantes que tinha no dedo, Phoebe viu a água cair para dentro do pequeno lago. Adrianne começou a lançar seixos para fazer a carpa cintilante nadar.

— Não gosto da Meri — começou Adrianne. Num mundo tão restrito como o harém, havia pouco assunto de conversa para além das outras mulheres e crianças. — Ela espeta a barriga e ri-se assim. — Ela fez uma enorme careta e Phoebe riu-se.

— Oh, és tão boa para mim. — Beijou o cimo da cabeça da filha. — A minha pequena atriz. — *Ela tinha os olhos do pai*, pensou Phoebe ao afastar os cabelos do rosto da filha. Ajudavam-na a lembrar-se do tempo em que ele a olhara com amor e carinho. — Na América, as pessoas iam fazer filas intermináveis para te ver.

Agradada com a ideia, Adrianne sorriu. — Como faziam para te ver?

— Sim. — Olhou de novo para a água. Por vezes era difícil recordar a

outra pessoa que havia sido. — Faziam. Eu sempre quis fazer as pessoas felizes, Addy.

— Quando a jornalista veio cá, disse que sentiam saudades tuas.

— Jornalista? — Tinha sido há dois ou três anos. Não, mais do que isso. Talvez quatro anos. Era estranho como o tempo estava a tornar-se impreciso. Abdu tinha concordado com a entrevista para calar quaisquer rumores sobre o casamento. Ela não esperara que a menina se lembrasse. Addy não teria mais de quatro ou cinco anos nessa altura. — O que achaste dela?

— Ela falava de uma maneira estranha e às vezes demasiado rápido. O cabelo era muito curto, como o de um rapaz, e era da cor da palha. Ela estava zangada porque só a deixaram tirar algumas fotografias e depois tiraram-lhe a máquina fotográfica. — Quando Phoebe se sentou num banco de mármore, Adrianne continuou a lançar seixos. — Ela disse que tu eras a mulher mais linda e invejada do mundo. Perguntou se usavas um véu.

— Tu não esqueces nada, pois não? — Phoebe também se lembrava; tinha inventado uma história sobre calor e pó e de usar um véu para proteger a pele.

— Gostei de quando ela falou sobre ti. — Adrianne também se lembrava de que a mãe tinha chorado depois de a jornalista se ter ido embora. — Ela vai voltar?

— Talvez, um dia. — Mas Phoebe sabia que as pessoas esqueciam. Havia novos rostos, novos nomes em Hollywood, e ela conhecia até alguns pois Abdu permitia que lhe fossem entregues algumas cartas. Faye Dunaway, Jane Fonda, Ann-Margret. Belas jovens atrizes a deixarem a sua marca, a ocuparem o lugar que outrora fora seu.

Tocou no próprio rosto, sabendo que agora havia rugas em torno dos olhos. Em tempos estivera nas capas de todas as revistas. As mulheres tinham pintado os cabelos como os seus. Ela tinha sido comparada a Monroe, a Gardner, a Loren. Depois deixara de ser comparada; tinha estabelecido um padrão.

— Uma vez quase ganhei um Óscar. É o prémio mais importante para uma atriz. Embora não o tenha ganhado, foi uma festa maravilhosa. Toda a gente ria, falava e fazia planos. Era tudo tão diferente do Nebraska. Era lá que eu vivia quando tinha a idade que tens agora, querida.

— Onde havia neve?

— Sim. — Phoebe sorriu e estendeu os braços. — Onde havia neve. Vivia lá com os meus avós porque os meus pais tinham morrido. Eu era muito feliz, mas nem sempre o soube. Queria ser atriz, usar roupas lindas e ter montes de pessoas a adorar-me.

— Então tornaste-te estrela de cinema.

— Sim. — Phoebe roçou a face pelos cabelos de Adrianne. — Parece que foi há centenas de anos. Não nevava na Califórnia, mas eu tinha o oceano. Para mim, era um conto de fadas e eu era a princesa sobre a qual tinha lido em todos os livros de contos. Era um trabalho bastante árduo, mas eu adorava estar lá, fazer parte daquilo tudo. Tinha uma casa à beira-mar só para mim.

— Devias sentir-te sozinha.

— Não, tinha amigos e pessoas com quem falar. Ia a lugares que nunca tinha imaginado: Paris, Nova Iorque, Londres... Conheci o teu pai em Londres.

— Onde fica Londres?

— Inglaterra, na Europa. Estás a esquecer-te das tuas aulas.

— Não gosto de aulas. Gosto de histórias. — Mas puxou pela cabeça porque sabia que as aulas eram importantes para Phoebe e mais um segredo entre elas. — Em Londres vive uma rainha cujo marido é só um príncipe. — Adrianne esperou, certa de que a mãe a corrigiria desta vez. Era uma ideia tão ridícula, uma mulher a governar um país. Mas Phoebe limitou-se a sorrir e a anuir com a cabeça. — Em Londres faz frio e chove. Em Jaquir, o Sol está sempre a brilhar.

— Londres é linda. — Um dos seus maiores talentos era a capacidade para se colocar num sítio, real ou imaginário, e vê-lo nitidamente. — Pensei que era o lugar mais lindo que tinha visto. Estávamos a filmar lá e as pessoas faziam filas nas barricadas para assistir. Gritavam por mim, e às vezes eu dava-lhes autógrafos e posava para fotografias. Então conheci o teu pai. Ele era tão bonito. Tão elegante.

— Elegante?

Com um sorriso sonhador no rosto, Phoebe fechou os olhos. — Esquece. Eu estava muito nervosa porque ele era um rei, eu tinha de me lembrar do protocolo e havia fotógrafos por todo o lado. Mas, depois de termos conversado, tudo isso perdeu importância. Ele levou-me a jantar, levou-me a dançar.

— Dançaste para ele?

— Com ele. — Phoebe sentou Adrianne ao seu lado no banco. Perto dali, uma abelha zumbia preguiçosamente, embriagada com néctar. O som zunia agradavelmente nos ouvidos de Phoebe, tornado música pelo efeito dos comprimidos. — Na Europa e na América, os homens e as mulheres dançam juntos.

Adrianne semicerrou os olhos. — Isso é permitido?

— Sim, é permitido dançar com um homem, falar com um homem, apanhar boleias ou ir ao cinema. Tantas coisas. As pessoas saem juntas em *dates*¹.

¹ *Date*: encontro romântico. (N. de T.)

— Saem? — Adrianne ainda tinha dificuldades com o inglês. — As *dates*² são para comer.

Phoebe riu-se de novo, sonolenta ao sol. Lembrava-se de ter dançado nos braços de Abdu e de ele lhe ter sorrido. Quão fortes os traços do rosto dele. Quão suaves as suas mãos. — Estes *dates* são diferentes. Um homem convida uma mulher para sair. Ele vai a casa dela buscá-la. Às vezes leva-lhe flores. — *Rosas*, recordou ela sonhadoramente. Abdu tinha-lhe enviado dúzias de rosas brancas. — Depois podem ir jantar, ou a um espetáculo e a uma ceia tardia. Podem ir dançar em alguma discoteca pequena cheia de gente.

— Dançaste com o meu pai porque eram casados?

— Não. Nós dançámos, apaixonámo-nos e só depois é que nos casámos. É diferente, Adrianne, e tão difícil de explicar. A maior parte do mundo não é como Jaquir.

O receio inquietante com que Adrianne vivia desde a noite em que tinha presenciado a violação da mãe dominou-a. — Tu queres voltar para lá.

Phoebe não percebeu o receio na voz da filha, apenas a própria mágoa. — Fica muito longe, Addy. Demasiado longe. Quando me casei com o Abdu, deixei tudo para trás. Mais do que me apercebi na altura. Eu amava-o e ele queria-me. O dia em que nos casámos foi o mais feliz da minha vida. Ele deu-me *O Sol e a Lua*. — Levou uma mão ao corpete, sentindo quase o peso e o poder do colar. — Quando o usava, sentia-me uma rainha e parecia que todos aqueles sonhos que eu tinha durante a minha infância no Nebraska estavam a tornar-se realidade. Nessa altura, ele deu-me parte dele, parte do seu país. Foi muito importante para mim quando ele me colocou as pedras preciosas em volta do pescoço.

— Esse é o tesouro mais precioso de Jaquir. Isso mostrou que ele te estimava acima de qualquer outra coisa.

— Sim, houve tempos em que foi assim. Ele já não me ama, Addy.

Ela sabia isso há já muito tempo, mas recusara-se a aceitar. — Tu és mulher dele.

Phoebe olhou para a aliança de casamento, um símbolo que outrora havia tido tanta importância. — Uma de três.

— Não, ele só se casa com as outras porque precisa de filhos. Um homem tem de ter filhos.

Phoebe emoldurou o rosto de Adrianne com as mãos. Viu as lágrimas e o sofrimento. Talvez tivesse falado de mais, mas era tarde para voltar atrás. — Eu sei que ele te ignora e que isso te magoa. Tenta compreender que o problema não és tu, sou eu.

² *Date*: tâmara. (N. de T.)

— Ele odeia-me.

— Não. — *Mas ele odiava realmente a filha*, pensou Phoebe abraçando-a. E assustava-a, o ódio frio que via nos olhos de Abdu sempre que ele olhava para Adrianne. — Não, ele não te odeia. Ele está ressentido comigo, com o que sou, com o que não sou. Tu és minha. Ele vê apenas isso quando olha para ti; ele não vê a parte de si próprio, talvez a melhor parte de si próprio, que existe em ti.

— Eu odeio-o.

O medo intensificou-se enquanto ela olhava rapidamente em redor. Estavam sozinhas no jardim, mas as vozes eram levadas pelo vento e havia sempre ouvidos à escuta. — Não debes dizer isso. Não debes sequer pensar isso. Não podes entender o que se passa entre o Abdu e eu, Addy. Não é suposto entenderes.

— Ele bate-te. — Ela recuou um pouco e os seus olhos estavam secos e subitamente envelhecidos. — Odeio-o por isso. Ele olha para mim e não me vê. Por isso, odeio-o também.

— Chiu. — Sem saber o que mais fazer, Phoebe puxou a filha para os seus braços e embalou-a.

Ela não disse mais nada. Nunca fora sua intenção transtornar a mãe. Até as palavras terem sido ditas, ela nem sequer se dera conta de que as guardava no coração. Agora que tinham sido verbalizadas, aceitava-as. O ódio tinha-se enraizado ainda antes da noite em que vira o pai violar a mãe. Desde esse dia, crescera, alimentado pela negligência e pelo desinteresse que o pai demonstrava por ela, pelos insultos subtis que a separavam dos outros filhos.

Ela odiava, mas o ódio envergonhava-a. Uma criança devia reverenciar os pais. Por isso, ela não tocou mais no assunto.

Nas semanas que se seguiram, Adrianne passou mais tempo do que nunca com a mãe, a passear pelo jardim, a ouvir as histórias de outros mundos. Continuavam a parecer-lhe irreais, mas ela gostava delas do mesmo modo que gostava das histórias de piratas e dragões que a avó lhe contava.

Quando Meri deu à luz uma menina e foi sumariamente castigada com o divórcio, Adrianne ficou contente.

— Estou feliz por ela se ter ido embora. — Adrianne jogava às pedrinhas com Duja. O jogo tinha sido autorizado no harém, depois de muita discussão e debate.

— Para onde vão mandá-la? — Embora Duja fosse mais velha, era sabido que Adrianne tinha muito jeito para arrancar informações.

— Ela vai ter uma casa na cidade. Uma pequenina. — Adrianne riu-se e juntou três pedrinhas com dedos ágeis. Podia ter sentido pena do destino

de Meri, mas a ex-mulher do rei só tinha conseguido o desprezo das outras mulheres.

— Ainda bem que ela não vai viver aqui. — Duja sacudiu os cabelos para trás enquanto esperava a sua vez. — Agora já não vamos ouvi-la a gabar-se sobre a quantidade de vezes que o rei a visitava e as formas variadas como ele plantava a semente.

Adrianne deixou a bola cair no chão. Olhou rapidamente em volta à procura da mãe, mas como estavam a falar em árabe, ela decidiu que Phoebe não devia ter entendido. — Tu queres sexo?

— Claro. — Duja jogou as pedrinhas e depois estudou o resultado. — Quando me casar, o meu marido vai visitar-me todas as noites. Vou dar-lhe tanto prazer que ele nunca vai precisar de outra mulher. Vou ter sempre a pele macia, os seios firmes. E as pernas abertas. — Riu-se e apanhou pedrinhas.

Adrianne reparou que uma das pedrinhas tinha tremido, mas deixou passar a infração. As suas mãos eram mais ágeis do que as de Duja e era a vez de a prima ganhar. — Eu não quero sexo.

— Não sejas parva. Todas as mulheres querem sexo. A lei mantém-nos separadas dos homens porque somos demasiado fracas para resistir. Só para-mos quando chegarmos à idade da avó.

— Então eu sou da idade da avó.

Riram ambas disso e regressaram ao jogo.

Duja não compreenderia, pensou Adrianne enquanto continuavam a jogar. A sua mãe não queria sexo e era jovem e linda. Leiha tinha medo de sexo porque lhe tinha dado duas filhas. Adrianne não queria porque tinha visto que era uma coisa cruel e feia.

Porém, não havia outra forma de ter bebés e ela gostava muito de bebés. Podia ser que conseguisse um marido amável que já tivesse mulheres e filhos. Assim não iria querer fazer sexo com ela e ela podia tomar conta dos bebés da casa.

Quando se cansaram do jogo, Adrianne foi ao encontro da avó e subiu para o seu colo. Jiddah era viúva e tinha sido rainha. A predileção por doces estava a custar-lhe os dentes, mas os seus olhos eram escuros e límpidos.

— Aqui está a minha bonita Adrianne. — Jiddah abriu a mão e ofereceu-lhe um chocolate embrulhado em papel de prata. Com uma risadinha, Adrianne aceitou-o. Como gostava tanto do bonito papel como do doce, desembalhou-o lentamente. Seguindo um hábito que sempre a acalmava, Jiddah pegou numa escova e começou a passá-la pelos cabelos de Adrianne.

— Vai visitar a bebé nova, avó?

— Claro. Amo todos os meus netos. Mesmo os que me roubam os chocolates. Porque é que a minha Adrianne está com um ar tão triste?

— Acha que o rei se vai divorciar da minha mãe?

Jiddah tinha reparado e ficado preocupada com o facto de Adrianne já não chamar pai a Abdu. — Não sei dizer. Em nove anos não o fez.

— Se ele se divorciasse dela, nós íamos embora. Eu ia sentir muitas saudades suas.

— E eu tuas. — *A menina já não era uma criança em tantos aspetos*, pensou Jiddah pousando a escova. — Não deves preocupar-te com essas coisas, Adrianne. Estás a crescer. Um dia destes vou ver-te casar. Depois terei bisnetos.

— E vai dar-lhes chocolates e contar-lhes histórias.

— Sim. *Inshallah*. — Beijou os cabelos de Adrianne. Era suavemente perfumado e escuro como a noite. — E vou amá-los como te amo a ti.

Adrianne virou-se e abraçou-se ao pescoço de Jiddah. O aroma a papoilas e especiarias na sua pele era tão confortante como o contacto com o seu corpo magro. — Vou amá-la sempre, avó.

— Adrianne. *Yella*. — Fahid puxou-lhe a saia. A sua boca já estava besuntada de uma visita anterior à avó. O *thawb* de seda que a mãe lhe tinha feito estava manchado de terra. — Anda — repetiu ele em árabe, puxando outra vez.

— Ir onde? — Como estava sempre pronta para o entreter, Adrianne desceu do colo da avó e fez-lhe cócegas nas costelas.

— Quero o pião. — Ele guinchou e contorceu-se, depois deu-lhe um beijo sonoro. — Quero ver o pião.

Ela enfiou mais uma mão-cheia de chocolates no bolso antes de se deixar arrastar por ele. Correram divertidos pelos corredores fora, com Adrianne a gemer e a ofegar exageradamente enquanto Fahid a puxava pela mão. O quarto dela era mais pequeno do que a maioria, um dos insultos subtis do seu pai. A única janela dava para o final do jardim. Ainda assim, era lindo, decorado a cor-de-rosa e branco, cores escolhidas por ela. A um canto havia prateleiras. Nestas repousavam brinquedos, muitos dos quais tinham sido enviados da América por uma mulher de nome Celeste, a melhor amiga da mãe.

O pião sonoro chegara há alguns anos. Era um brinquedo simples, mas com cores muito vivas. Quando se pressionava o manípulo, fazia um agradável assobio enquanto girava rapidamente, misturando o vermelho, o azul e o verde. Tinha-se transformado rapidamente no brinquedo preferido de Fahid, de tal forma que Adrianne tirara-o recentemente das prateleiras e escondera-o.

— Quero o pião.

— Eu sei. Da última vez que o quiseste, batestes com a cabeça ao tentares trepar para o ires buscar quando eu não estava aqui. — E quando o rei

soubera, Adrianne tinha ficado fechada no quarto de castigo durante uma semana. — Fecha os olhos.

Ele fez um sorriso rasgado e abanou a cabeça.

Sorrindo-lhe em resposta, Adrianne baixou-se até ficarem de narizes encostados. — Fecha os olhos, maninho, ou não há pião. — Ele fechou rapidamente os olhos. — Se te portares muito bem, deixo-te brincar com ele o dia todo. — Enquanto falava, recuou para longe dele e enfiou-se debaixo da cama, onde escondia os seus maiores tesouros. Quando estava a pegar no pião, Fahid apareceu debaixo da cama ao lado dela. — Fahid! — Com a irritação que as mãos demonstram aos filhos preferidos, beliscou-lhe a face. — Portaste-te muito mal.

— Eu adoro a Adrianne.

Como sempre, o menino amoleceu-lhe o coração. Ela afastou-lhe delicadamente os cabelos desgrenhados do rosto e encostou o nariz à bochecha dele. — Eu adoro o Fahid. Mesmo quando ele se porta mal. — Pegou no pião e começou a recuar, mas os olhos perspicazes do menino tinham-se fixado no globo de Natal.

— Bonito. — Encantado, ele agarrou-o com as mãos pegajosas dos doces. — É meu.

— Não é teu. — Ela agarrou-o pelos tornozelos e puxou-o de debaixo da cama. — E é segredo. — Deitaram-se os dois no tapete e Adrianne colocou as suas mãos sobre as de Fahid e abanou-as. O pião ficou esquecido enquanto observavam a neve cair. — É o meu tesouro mais precioso. — Levantou-o de modo que a luz atravessasse o vidro. — Um globo mágico.

— Mágico. — Ele ficou boquiaberto quando Adrianne o inclinou outra vez. — Deixa-me, deixa-me! — Tirou-o das mãos da irmã e levantou-se atrapalhadamente. — Mágico. Quero mostrar à minha mãe.

— Não. Fahid, não. — Adrianne levantou-se e correu atrás dele em direção à porta.

Entusiasmado com a nova brincadeira, ele deu velocidade às suas pernas curtas e rechonchudas. O seu riso ressoava pelas paredes enquanto ele corria, brandindo a esfera de vidro como se fosse um troféu. Para manter a brincadeira animada, ele virou para o túnel que ligava o alojamento das mulheres aos aposentos do rei.

Adrianne sentiu nesse momento a primeira preocupação real, o que a fez hesitar. Como filha da casa, o túnel era-lhe proibido. Avançou com a ideia de atrair Fahid de volta com a promessa de alguma recompensa. Mas quando de súbito o riso dele cessou, ela entrou rapidamente. Ele estava esparramado no chão, lábios a tremer, aos pés de Abdu.

Abdu parecia tão alto e tão poderoso ali parado, de pernas afastadas, a olhar fixamente para o filho. O seu *thawb* branco tocava no chão onde Fahid tinha caído. A iluminação dentro do túnel era fraca, mas Adrianne conseguia ver o brilho de fúria nos olhos dele.

— Onde está a tua mãe?

— Por favor, senhor. — Adrianne precipitou-se para a frente. Manteve a cabeça inclinada em sinal de submissão enquanto o seu coração batia com força. — Eu estava a tomar conta do meu irmão.

Abdu olhou para ela; para os cabelos despenteados, a poeira no vestido, as mãos húmidas e nervosas. Podia tê-la derrubado com um movimento rápido do braço. O seu orgulho disse-lhe que ela não valia sequer isso. — Não sabes tomar conta do príncipe.

Ela não disse nada, sabendo que não era esperada qualquer resposta. Manteve a cabeça baixa para que ele não conseguisse ver o brilho da fúria nos seus olhos.

— As lágrimas não são para homens, e nunca para reis — disse ele, mas baixou-se com alguma delicadeza para levantar Fahid. Foi nessa altura que reparou no globo que o filho ainda segurava contra o peito. — Onde arranjaste isto? — A fúria estava de volta, cortante como uma espada. — Isto é proibido. — Arrancou o globo das mãos de Fahid e fê-lo choramingar. — Queres desonrar-me? Queres desonrar a nossa casa?

Como sabia que a mão do pai era capaz de bater rapidamente e com força, Adrianne entrepôs-se entre ele e o irmão. — É meu. Fui eu que lho dei.

Ela preparou-se para o golpe, mas tal não aconteceu. Em vez de fúria, deparou-se com gelo. Adrianne soube então que a fria indiferença podia ser o mais doloroso dos castigos. Os seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas, enfrentando o pai, ela conteve-as. Percebeu que ele queria que ela chorasse. Se os olhos secos eram a sua única defesa, então os seus olhos manter-se-iam secos.

— Então querias corromper o meu filho? Dar-lhe símbolos cristãos disfarçados de brinquedo? Eu devia estar à espera de traição de alguém como tu. — Atirou o globo contra a parede, estilhaçando-o. Aterrorizado, Fahid agarrou-se às pernas de Adrianne. — Volta para junto das mulheres, onde é o teu lugar. De agora em diante, estás proibida de cuidar do Fahid.

Agarrou no filho e virou costas. De rosto molhado e inchado, Fahid estendeu os braços e gritou o nome dela.